

FLORIANÓPOLIS GAY FRIENDLY: análise a partir de vozes de profissionais atuantes

Nathan Duarte da Silva

Orientador: Vinicius De Luca Filho

RESUMO

Este artigo analisa a cidade de Florianópolis como destino turístico gay friendly, investigando sua evolução histórica, políticas públicas, percepções de profissionais atuantes e desafios contemporâneos enfrentados pela comunidade LGBTQIAPN+. A pesquisa combinou levantamento bibliográfico com entrevistas realizadas com quatro agentes locais envolvidos no turismo e/ou na luta por direitos da população LGBTQIAPN+. Os resultados revelam avanços em termos de reconhecimento institucional e visibilidade, mas também destacam lacunas estruturais, como a ausência de dados específicos, baixa capacitação profissional e fragilidades nas políticas públicas. Conclui-se que Florianópolis possui potencial consolidado como destino LGBTQIAPN+, mas ainda enfrenta entraves para se tornar, de fato, um ambiente plenamente inclusivo, seguro e preparado para receber essa diversidade de forma equitativa.

Palavras-chave: Turismo LGBTQIAPN+; Florianópolis; Gay Friendly; Inclusão; Políticas Públicas.

ABSTRACT

This article examines the city of Florianópolis as a gay-friendly tourism destination, investigating its historical development, public policies, professional perceptions, and current challenges faced by the LGBTQIAPN+ community. The research combined a bibliographic review with interviews conducted with four local actors involved in tourism and LGBTQIAPN+ advocacy. Results indicate institutional recognition and growing visibility, yet also expose structural weaknesses, such as the lack of specific data, insufficient professional training, and fragile public policies. It is concluded that although Florianópolis holds consolidated potential as an LGBTQIAPN+ destination, it still faces barriers to becoming a truly inclusive, safe, and well-prepared environment for this diverse audience.

Keywords: LGBTQIAPN+ Tourism; Florianópolis; Gay Friendly; Inclusion; Public Policies.

1 INTRODUÇÃO

Ainda em 2025 é perceptível que existem inúmeras diferenças no trato e recepção de pessoas LGBTQIAPN+ (sigla atual que engloba Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Queer/Questioning, Intersex, Asexual, Pansexuais/Polissexuais, Não-binário e finalizada com o “+” para representar outras identidades e orientações sexuais), seja em: 1) Realização de turismo, onde em certos destinos há locais e pessoas mais conservadoras, o que gera olhares hostis e até mesmo agressões físicas (levando em consideração países em que se é proibido ser homossexual); 2) Falta de preparo de profissionais da rede hoteleira e restaurantes, gerando comentários, julgamentos e/ou tratamento diferenciado para pessoas da comunidade; 3) No ambiente familiar, onde ocorrem a maioria dos casos de agressão, expulsão e corte de vínculos quando a pessoa decide assumir sua real personalidade; 4) No ambiente de trabalho, onde pessoas podem perder a vaga ou são restringidas de agir de sua forma natural/comum. Estes pontos refletem diretamente na imagem destes ambientes, fazendo com que surja a necessidade de lugares que acolham a todos sem qualquer distinção. Este estudo discorre sobre a cidade de Florianópolis como um destino turístico *Gay Friendly*, por ser a capital onde o autor vive e mantém sua rotina diária, sendo um homem gay, experienciando e observando ações voltadas ou não à comunidade LGBTQIAPN+, frequentando lugares e mantendo contato com outras pessoas e lugares também pertencentes ao grupo. Este traz dados e visões do passado e presente de Florianópolis, voltados ao turismo LGBTQIAPN+ e realizado através de pesquisa bibliográfica, para levantamento dos dados e por entrevistas com quatro profissionais locais que atuaram ou atuam na área de Turismo e/ou público LGBTQIAPN+, apresentando vivências, locais, motivadores e pontos de melhorias para o desenvolvimento do nicho. Com o objetivo principal de analisar Florianópolis como destino turístico gay friendly comparando momentos do passado com a realidade atual.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar Florianópolis como destino turístico gay friendly comparando momentos do passado com a realidade atual

2.2 Objetivos Específicos

- Levantar dados, políticas e ações voltados ao Turismo LGBTQIAPN+.
- Analisar os resultados da pesquisa e destacar possíveis melhorias para o desenvolvimento da cidade sobre o tema.

3 JUSTIFICATIVA

O presente artigo foi desenvolvido pela necessidade de ampliação dos estudos e fontes voltados ao nicho LGBTQIAPN+ do turismo, especificamente nesta capital, que compôs por anos as listas de destinos *Gay Friendly* tanto nacionais quanto internacionais, conforme lista divulgada pelo site Booking.com ainda no início de 2025. A cidade de Florianópolis é procurada há tempos por ser caracterizada como um ambiente seguro à comunidade, contando com diversos locais de acolhimento e receptividade ao público, locais esses como: Eventos, bares, festas, restaurantes e hotéis que fazem desta uma das capitais *Gay Friendly* no país.

Além disto, visto que o turismo LGBTQIAPN+ ainda não possui muitos estudos que sirvam de base ou forneçam dados fundamentados para este segmento na cidade e no Brasil, este reúne fontes e dados que ilustram parte da história e vivência do público LGBTQIAPN+ no país e na capital catarinense, de modo com que propicie o aprofundamento na realidade vivida e ofertada aos turistas, que conforme apresentado ao decorrer do trabalho, é parte considerável do público de turistas e de consumo do setor. Este público possui média de gastos superior ao heterossexual e aumenta, de anos para cá, sua parcela de consumo do turismo nacional e internacional, conforme detalhado no item 6 (APRESENTAÇÃO DE DADOS ACERCA DO PÚBLICO LGBTQIAPN+) deste artigo.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Como subsídio para esta pesquisa, o referencial teórico apanha documentos que explicam e trazem eventos que fazem parte da história LGBTQIAPN+ a nível mundial, nacional e na cidade de Florianópolis, ilustrando o motivo pelo qual existe e amplia-se o segmento de turismo LGBT. Filice e Muller (2024) trazem em seu artigo um dos marcos iniciais das lutas pelos direitos LGBTQIAPN+, a Revolta de Stonewall, que ocorreu entre 28 de junho e 03 de julho de 1969 “no Stonewall Inn, bar frequentado por LGBTQIA+ e controlado pela máfia” onde, devido a confronto entre policiais e o grupo LGBTQIA+ “estabeleceu-se 28 de junho como Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+”.

Já no Brasil, um marco similar à Revolta de Stonewall foi o levante ao Ferro's Bar – São Paulo/SP. Neste local, onde ocorriam encontros de grupos LGBTQIAPN+, porém, o confronto deste foi com o proprietário e atendentes do estabelecimento, que tratavam com hostilidade as pessoas, principalmente mulheres lésbicas, que eram suas clientes. Na data de 23 de julho de 1983, o dono do estabelecimento acusou as mulheres do GALF (Grupo de Ação Lésbico-Feminista) “de desordeiras, expulsou-as do bar e chamou a polícia. A polícia, neste dia, deu razão às militantes.” (FILICE; MULLER, 2024), o que as fez retornar em 19 de agosto de 1983, discursando sobre seus direitos e contra a violência, tendo então a concordância e consentimento do proprietário sobre todas suas exigências. Esta data de retorno foi, anos depois, reconhecida e hoje é a data em que se celebra o Dia Nacional do Orgulho Lésbico.

De acordo com Hoffmann, Duarte, Traverso e Bobsin (2018, p.4) “o marco de reconhecimento social do público LGBT teve início nos anos 1990, quando milhares de pessoas foram às ruas e se reuniram nas principais cidades do mundo para a Parada do Orgulho Gay” onde teve a primeira sigla para o movimento, sendo ela GLS, que, segundo Silva e Carvalho (2022, apud Angeli, 1999) foi originada nos Estados Unidos, à partir da fundação da RSVP Productions, primeira agência de turismo voltada ao segmento homossexual. Essa então, passou por modificações, visando representar todas as pessoas que não se encaixam na orientação hétero, conforme publicado pelo TRT da 4ª Região RS (2021):

Nos anos 90, passou a ser GLBT, com a inclusão de bissexuais e pessoas trans. Como a representatividade dos homens gays sempre foi mais evidente, protagonizando o movimento da comunidade, fez-se necessária a alteração para LGBT, com o L encabeçando a sigla e dando mais visibilidade às mulheres lésbicas. Atualmente, novos termos foram incluídos e passou-se à denominação LGBTQIAP+.

Ainda após a publicação, houve atualização e atualmente usa-se LGBTQIAPN+, representando: Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Queer/Questioning, Intersex, Asexual, Pansexuais/Polissexuais, Não-binário e o sinal de “+” para representar outras identidades e orientações sexuais.

Essas modificações acompanham todo o movimento rumo à visibilidade que ainda luta para obter todos os seus direitos, assim como diz Silva (2021), o turismo LGBTQIA+ visa e propicia a valorização da comunidade como iguais potenciais viajantes com os mesmos direitos ao lazer e ao entretenimento e contribui para que a sociedade possa rever determinados valores e normas morais, raciais e sociais.

A partir disso, o primeiro programa governamental de combate à LGBTQIAfobia do país foi sancionado em 2004 pelo governo Lula, chamado “Brasil Sem Homofobia”, com

resistência de conservadores até os dias de hoje. Segundo Athias (2004), este programa possui como objetivo principal o combate à homofobia, com medidas de responsabilidades distintas, de acordo com o ministério, como: Ministério da Justiça fica responsável pela capacitação de policiais que atuam na rua; Ministério da Saúde com a ampliação de ações de combate à doenças sexualmente transmissíveis, assim como preparar o SUS (Sistema Unico de Saúde) para receber o público LGBTQIAPN+; e na Educação, atuando com professores de modo a prepará-los para ensinar aos seus alunos a respeitar as pessoas comunidade.

A Capital de Santa Catarina, assim como São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ compõem as três capitais certificadas pelo Embratur como destinos gayfriendly, que conforme Ludmilla Souza (2018), é o “termo usado para se referir a lugares, políticas, pessoas ou instituições que procuram ativamente a criação de um ambiente confortável para as pessoas LGBTI”, e “A diversidade de equipamentos voltados para esse público fortalecem a comercialização do turismo gay e reforçam a ideia da Ilha como lugar e espaço gayfriendly” (LANZARINI; RIAL, 2010, p. 5) que vão desde praias até cafés, boates, clubes e saunas, até eventos anuais, abrindo um leque de opções e atrativos para o público.

5 METODOLOGIA

Este estudo se trata de uma pesquisa sobre a cidade de Florianópolis/SC como destino turístico LGBTQIAPN+, realizada entre julho de 2023 e junho de 2025, visando apresentar dados e discussões exclusivamente sobre este segmento na esfera de passado e presente da capital. Foram aplicados dois métodos de busca, avaliação e compilação dos dados apresentados neste documento, sendo: 1) Realizado através de pesquisa em fontes disponíveis na web, fazendo uso de palavras-chaves como: Turismo LGBT; Dados sobre Turismo LGBT; Dados do público LGBT; Lista de cidades gay-friendly; Políticas Públicas LGBT em Florianópolis; Leis de Florianópolis para o público LGBTQIAPN+; Sigla LGBTQIAPN+ e seu significado; Índice de violência contra LGBTs no Brasil; Índice de violência contra LGBTs em Santa Catarina; Índice de violência contra LGBTs em Florianópolis; Entre outros semelhantes, e, obtendo como resultado dados e conteúdos divulgados por sites do IBGE, Prefeitura de Florianópolis, GOV e outras plataformas e sites de divulgação; 2) Entrevistas com profissionais. A primeira (pesquisa de dados) é realizada em formato digital, tendo como fonte documentos, sites e notícias dispostos na web. Já a segunda (Entrevistas), foi utilizado roteiro de entrevista semi-estruturado, aplicado às entrevistas durante bate papo realizado através de ferramentas online que propiciam esses encontros. O roteiro consiste nas seguintes questões:

1) Sobre a cidade	Como podemos descrever a Florianópolis do PASSADO e PRESENTE quando falamos de Destino Turístico LGBTQIAPN+ (Público, liberdade, oferta, segurança e locais a frequentar)?
2) Dos motivadores/eventos	Quais são os principais motivadores da vinda destes turistas para a cidade? Procuram por locais, espaços ou eventos específicos?
3) Dos desafios e cenário atual	Quais foram as principais mudanças/desafios para que chegássemos na Florianópolis atual? Quais ainda temos nos dias de hoje?
4) Melhorias	Quais são os pontos que hoje precisam de atenção/melhorias para que tenhamos mais avanço na questão de uma cidade LGBTQfriendly?

A definição dos entrevistados surgiu após o levantamento de profissionais envolvidos com o tema, atuantes no movimento do turismo e/ou público LGBTQIAPN+ e que atuam ou atuaram com política na cidade. A partir desse levantamento, foi realizada a análise geral dos citados, seleção dos que mais se adequavam com a proposta (movimento político, cultural e apoiadores da causa LGBTQIAPN+) e finalizado com o contato com os profissionais escolhidos, de modo a apresentar a proposta e marcar a entrevista. Foram contatados 8 profissionais atuantes, onde destes, 4 entrevistas foram realizadas e outros 4 não responderam ou não retornaram o contato.

6 APRESENTAÇÃO DE DADOS ACERCA DO PÚBLICO LGBTQIAPN+

O Turismo LGBTQIAPN+ é um segmento que vem crescendo com o passar dos anos, seja nacional ou internacionalmente, possui considerável parcela nos resultados gerados pelo Turismo, que, segundo relatório do World Travel & Tourism Council (2025):

Em 2024, Viagens e Turismo contribuíram com 10% da economia mundial, atingindo US\$ 10,9 trilhões — um aumento de 8,5% em relação a 2023 e 6% acima do pico anterior de 2019. Os empregos cresceram 6,2%, atingindo 357 milhões, representando um em cada 10 empregos no mundo.

No Brasil, conforme divulgação da Fecomércio SP (2025), o ano de 2024 foi finalizado com um faturamento de R\$ 207 bilhões no turismo Nacional, citando que “O número significou uma alta de 4,3% em comparação com o ano anterior (R\$ 8,6 bilhões em termos monetários)”. Ainda no âmbito nacional, Marques (2025) sinaliza o ritmo acelerado de crescimento do setor, obtendo, apenas em janeiro o faturamento de R\$ 20,5 bilhões, sendo um aumento de 5,5% com relação ao mesmo período do ano anterior (2024) e registrando recorde histórico para o mês. Marques (2025) continua sua análise afirmando que:

Santa Catarina também teve um desempenho expressivo, com alta de 8,7%, impulsionada pela chegada de turistas internacionais. Apenas em janeiro de 2025, o estado recebeu 198.720 visitantes estrangeiros, um aumento de 71% em relação ao mesmo período do ano passado, quando 116.209 turistas foram contabilizados.

Justi (2024) complementa:

O turismo em Santa Catarina arrecadou, entre janeiro e setembro de 2024, R\$376 milhões em Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Ainda, durante a data analisada, o turismo no estado catarinense alcançou 184 mil empregos e surgiram aproximadamente 18 mil novas empresas.

E Marciel (2025) destaca que “Em 2024, os destinos catarinenses receberam mais de 495 mil turistas internacionais, um aumento de 71,7% em comparação com 2023.” E que “Somente em dezembro, 39.192 mil estrangeiros visitaram Santa Catarina número 57,26% superior ao registrado no mesmo mês de 2023.”.

Já na Capital Catarinense, o turismo possui um grande peso, “respondendo por cerca de 12% do PIB da cidade”, conforme citado por Villa Concept (2024), que também caracteriza o município como “um verdadeiro motor de geração de renda e empregos” por atrair mais de 2 milhões de visitantes ao ano e possuir em 2023 “R\$ 4,8 bilhões em receita total gerada pelo turismo; 50 mil empregos diretos e indiretos no setor; +8% de crescimento em comparação com 2022”. O turismo na Capital possui constante crescimento, tendo recebido em torno de 2,5 milhões de visitantes durante a temporada de 2024/2025 e sendo referência como destino turístico, conforme apresenta Caldas (2024): “Florianópolis é o primeiro destino brasileiro e o quarto do mundo mais procurado para o verão 2025, apontou uma pesquisa feita pela plataforma online de viagens Booking”.

Agora, quando falado de Turismo LGBTQIAPN+, a gama de dados e informações específicas reduzem consideravelmente, no entanto, trata-se de um segmento em contínua expansão, tendo sua busca e prática cada vez maiores, como descrito por Moura (2023):

Este público, que vem ganhando cada vez mais espaço nos destinos turísticos nacionais e internacionais, representa 1 em cada 10 viajantes no mundo e 15 % de todo o faturamento do setor, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT).

No mesmo sentido, Altman (2023) cita que:

De acordo com a Associação Brasileira de Turismo LGBT (ABTLGBT), esse nicho cresce cerca de 11% ao ano, enquanto o convencional aumenta apenas 3,5%. Além disso, a Organização Mundial do Comércio (OMT) estima que a

comunidade movimente anualmente cerca de US\$ 3 bilhões, cerca de R\$ 14.7 bi.

Destes consumidores, quando analisados, identificamos que há semelhança entre vários estudos quando se referem ao perfil do turista LGBTQIAPN+, traçado como pessoas com nível de escolaridade maior, renda média ou alta, mais tempo livre em atividades de lazer, sem filhos e com gastos voltados exclusivamente para si, fazendo assim, este nicho possuir um gasto médio de 30% a mais que os demais segmentos do turismo.

Este público é também caracterizado por Silva e Carvalho (2022, apud TRIGO, 2009; NEVES; BRAMBATTI, 2019) como “um grupo de consumidores informados, instruídos, exigentes e que apresentam potencial de gastos elevados nas viagens de lazer e entretenimento”, e reforçado novamente por Silva e Carvalho (2022, apud OLIVEIRA, 2002), quando dizem que “a comunidade LGBTQIA+ é associada a um público que possui renda média ou alta e está disposta a satisfazer as suas necessidades de lazer e consumo por meio das viagens turísticas.”, resultando em um público de necessidades e buscas específicas e únicas, quando comparado aos demais segmentos.

As pautas LGBTQIAPN+ sobre turismo e questões de segurança pública e legislações em prol da comunidade são medidas recentes, no entanto, Florianópolis, apesar de ser proporcionalmente a capital brasileira que mais votou no candidato ultraconservador em 2018, e estar entre as 4 primeiras cidades que mais votaram neste novamente nas votações de 2022, é reconhecida frequentemente como LGBTQIA+friendly, tendo promoção em eventos como a Annual Global Convention da International Gay and Lesbian Travel Association (IGLTA), chegando a ser sede deste em 2012., assim como a realização da I Conferência Municipal LGBT, em 2011, sendo este base para o I Plano Municipal de Políticas Públicas e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) de Florianópolis. Além do primeiro, houve a sanção do II Plano Municipal de Políticas Públicas e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) em 2019, sendo esse redigido em 2015 e revisado e submetido para apreciação em 2017, conforme Filice e Muller (2024).

Além dos citados, Florianópolis possui outros eventos e locais que atraem constantemente turistas, onde destes atrativos, podemos destacar:

Parada LGBTQIAPN+: Sendo a maior do estado, teve sua 17ª edição ocorrendo no dia 17/11/2024, onde reuniu 80 mil pessoas.

Concurso POP Gay: Realizado há 30 durante o período de carnaval, sendo um dos principais eventos da época, celebra a diversidade na Ilha de Santa Catarina, atraindo visitantes e turistas do Brasil e do mundo.

Bar do Deca: Fundado em torno de 1980 está para além de um bar, desde sua inauguração celebra a diversidade, fazendo do local um ambiente seguro onde o público LGBTQIAPN+ poderia se reunir sem medo da homofobia. Existente até hoje, mantém esse legado e celebra ainda eventos e shows voltados à comunidade. Sendo localizado na Praia Mole, uma das mais buscadas pelo público, assim como Galheta (conectada por trilha) e Praia da Joaquina, localizada a 3,8 quilômetros de distância.

Casas de festas: Conca, Jivago, 1007 e, mais recentemente inaugurada, Undr Porão, são casas voltadas ao público LGBTQIAPN+ com festas e shows temáticos e que promovem a política de acolhimento, para além de outros locais e eventos que possuem apresentações Drag.

Números voltados à comunidade ainda são muito escassos em pesquisas e publicações na cidade, consideramos assim, a pesquisa divulgada pelo IBGE, no ano de 2019, onde foram entrevistados jovens de 18 à 29 anos de idade e concluiu que cerca de 94,5% dos catarinenses declararam-se heterossexuais, 1,7% declararam ser homossexuais ou bissexuais (93 mil pessoas da população adulta do período) e 3,9% não sabiam ou não responderam. Já dos percentuais voltados à Capital, manteve-se o mesmo percentual para pessoas heterossexuais (94,5%), houve crescimento para o público LGBTQIAPN+, indicando que 3,4% (em torno de 14 mil habitantes) da população se declarou homossexual e bissexual, e 2,1% para pessoas que não sabiam ou não responderam.

Apesar de Florianópolis ser classificada pelo Ministério do Turismo como destino LGBTQIAPN+ e ser uma das cidades mais buscadas pelo público LGBTQIAPN+ nacional e internacionalmente, conforme lista divulgada pelo site Booking.com ainda no início de 2025, o histórico de leis e órgãos voltados à essa ainda é considerado recente, tendo o I Plano Municipal de Políticas Públicas e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros - LGBT realizado pela COORDENADORIA MUNICIPAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES - CMPPM. Dispondo em maio de 2016 da Lei 10.018 sobre a criação do Conselho Municipal de Direitos LGBT - CMDLGBT, que conforme documento de implantação publicado e disposto na página da prefeitura:

Tem por objetivos participar da promoção, elaboração, monitoramento e avaliação em âmbito municipal das políticas públicas destinadas à efetiva promoção dos direitos do segmento a que representa. Além de fomentar a igualdade de direitos e garantir o exercício da cidadania através da participação nas atividades políticas, econômicas, sociais e culturais do município.

O segundo Plano LGBT foi publicado em 31/05/2017, possuindo o CMDLGBT como realizador, juntamente com a CMPPM, incorporando a lista de ferramentas jurídicas e projetos em prol da segurança e igualdade no tratamento e proteção do público, conforme levantamento e divulgação realizados pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos - ABGLT:

Estado	
Lei Complementar nº 527, de 28 de dezembro de 2010	Estabelece penalidades a serem aplicadas à pessoa jurídica de direito privado que permitir ou tolerar a prática de atos atentatórios e discriminatórios aos direitos individuais e coletivos em razão de preconceitos de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, gênero ou orientação sexual
Lei Promulgada nº 12.574, de 04 de abril de 2003	Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e adota outras providências
Parecer nº 277 aprovado em 11/08/2009, do Conselho Estadual de Educação	Abertura de Campo específico nos documentos escolares para inclusão do nome social dos travestis e transexuais
Resolução nº132 do Conselho Estadual de Educação	Dispõe sobre a inclusão do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares internos e dá outras providências
Lei nº 15.081, de 04 de janeiro de 2010	Institui o Dia Estadual de Combate à Homofobia e à Discriminação e Violência em Razão da Orientação Sexual
Lei n. 13.212/2004	Declara de utilidade pública a Associação de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de Santa Catarina - AGLBT/SC. Resolução Conjunta n. 1/2014, do CNPQ e do CNCD/LGBT: Estabelece os parâmetros de acolhimento de LGBT em privação de liberdade no Brasil
Lei Nº 15.081, de 04 de janeiro de 2010 (Revogada pela Lei nº 16.719/2015)	Institui o dia estadual de combate à homofobia e à descriminalização e violência em razão da Orientação Sexual.

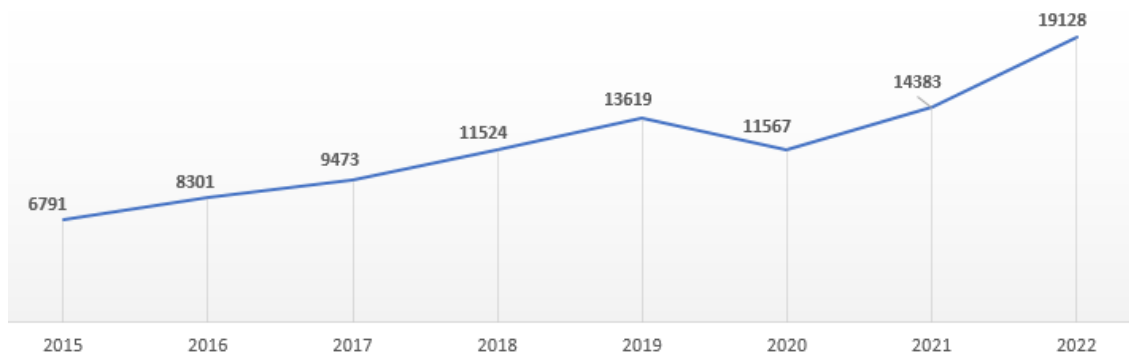
Município	
Florianópolis – Lei nº 7961/2009, de 04 de setembro de 2009	Dispõe sobre a promoção e o reconhecimento da liberdade de orientação, prática, manifestação, identidade, preferência sexual e dá outras providências
Florianópolis – Lei nº 8207/2010, de 17 de março de 2010	Institui o Dia Municipal do Orgulho Gay e da Consciência Homossexual
Florianópolis – Lei nº 7476/2007, de 19 de dezembro de 2007	Dispõe sobre a criação do Dia Municipal de Combate a Homofobia, Lesbofobia e Transfobia
Florianópolis – Portaria/SS/GAB/nº026/2010 da Secretaria Municipal de Saúde	Art. 1º. Determinar que os serviços de saúde do município de Florianópolis adotem um novo campo nas fichas de saúde dos usuários, onde se poderá colocar o nome social se assim o desejarem, respeitando sua identidade de gênero
Florianópolis - Resolução nº 1411/2009, de 07 de dezembro de 2009	Cria o selo de diversidade sexual no município de Florianópolis
Florianópolis – Lei Nº 10.527, DE 23 DE ABRIL DE 2019	Cria a política de transparência e combate à violência contra a população LGBT no âmbito do município de Florianópolis.

Da Violência à Comunidade LGBTQIAPN+:

Avaliando os dados referentes à violência contra a Comunidade LGBTQIAPN+, é possível identificar os índices que demonstram aumento de violência e violações dos direitos humanos registrados no Brasil, estado de Santa Catarina e na Capital, Florianópolis.

Em dados divulgados no painel do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), ilustrando os quantitativos de notificações registradas por ano, identificamos crescimento destes totais, entre os anos de 2015 e 2022, conforme gráficos:

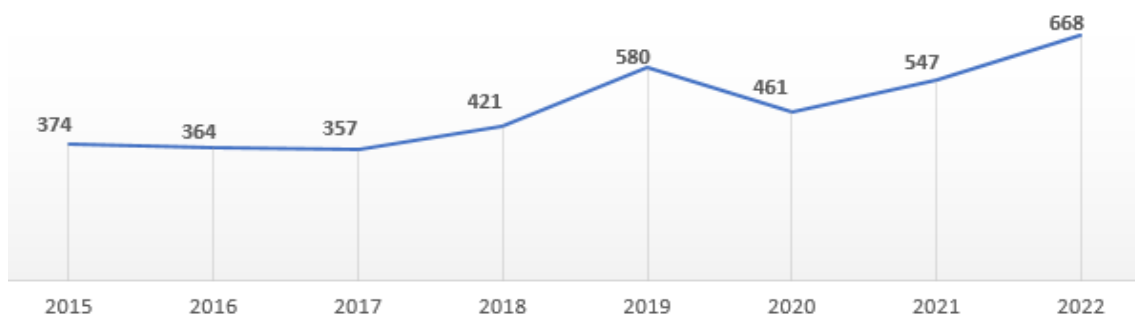
1 - Notificações registradas por ano no Brasil



Fonte: Autor, 2024

No ano de 2022, maior registro ilustrado no gráfico 1, Santa Catarina ficou em 9º lugar, dentre os 27 estados, no ranking de notificações por estado, estando à sua frente São Paulo (6299), Rio de Janeiro (2076), Minas Gerais (1703), Paraná (1290), Ceará (888), Rio Grande do Sul (766), Pernambuco (738) e Goiás (698) que demonstram também números elevados nestes índices.

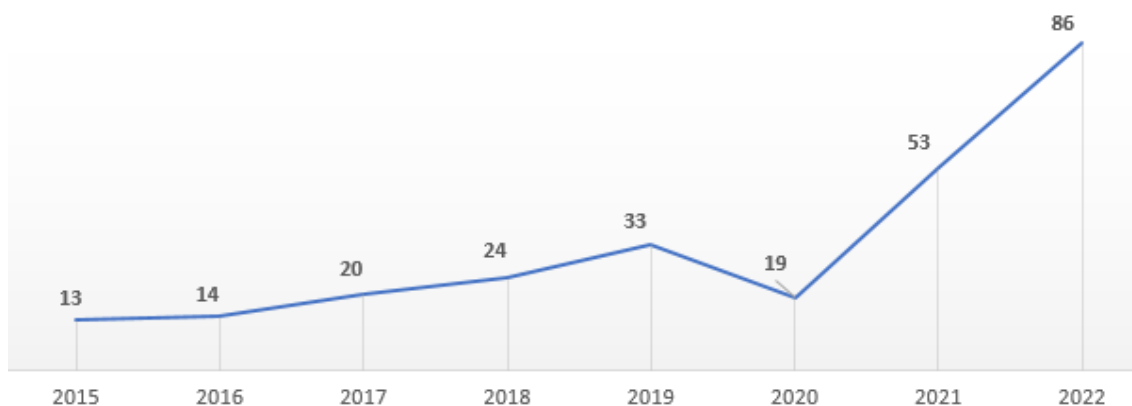
2 - Notificações registradas por ano no Estado de Santa Catarina



Fonte: Autor, 2024

Gráfico 2, voltado à registros do estado de Santa Catarina, também ilustra aumento nos quantitativos no decorrer dos anos, aumentando 79% em comparação ao ano inicial da pesquisa (2015).

3 - Notificações registradas por ano em Florianópolis



Fonte: Autor, 2024

Só na capital é possível identificar um considerável aumento nos números de registros no período de análise, estando em torno de 560% maior que o primeiro ano (2015) e 62% maior que o ano anterior (2021).

Para além destes dados, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) através do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, divulga os registros de violações e denúncias de vítimas LGBTQIAPN+ referente aos anos de 2023 e 2024. Nestes foram identificadas 69785 violações dos direitos humanos no País em 2023, resultando em 6264 denúncias, tendo 9% dos casos denunciados. Ainda à nível nacional, em 2024, houveram 79457 violações, que resultaram em 6242 denúncias (8% dos casos).

Já no estado de Santa Catarina, no ano de 2023, foram identificadas 2234 violações que resultaram em 217 denúncias, totalizando 10% de denúncias do montante geral. Em 2024, houveram 2352 violações, com 192 denúncias no total, baixando o percentual de denúncias sobre os casos para 8%.

Agora, na Capital Florianópolis, foram identificados, em 2023, 531 violações, onde destas foram geradas 49 denúncias (9% sobre o total de violações). E em 2024, no período de 01/01/2024 à 20/10/2024, foram identificadas 209 violações e 22 denúncias, concluindo em um total de 10% sobre os casos.

7 ENTREVISTADOS

A aplicação das entrevistas possui o objetivo principal de embasamento ao conteúdo apresentado e coletado, com pessoas que atuam e vivenciam a questão envolta ao tema do presente artigo. Fato este, que resultou em levantamento de possíveis entrevistados, que tenham esse contato e abordagem com o público LGBTQIAPN+ na cidade de Florianópolis e que pudesse contribuir de forma a trazer conhecimento profissional e experiências.

Deste modo, foi realizado o levantamento, filtro e contato com os entrevistados, a fim de apresentar o trabalho e principal razão das entrevistas, que foram realizadas por meio de plataforma digital online, fazendo uso de questões previamente formatadas, com o intuito de embasar o contexto requerido, sendo esse, os dados e visões sobre o passado e presente da cidade, assim como resgatar percepções de necessidades e melhorias.

Da listagem de possibilidades, foram selecionados e entrevistados quatro profissionais atuantes no movimento político, cultural e apoiadores do movimento LGBTQIAPN+ da cidade, aos quais iremos nos referir como Entrevistado A, B, C e D, neste estudo.

8 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Quastão 1: Sobre a cidade

Questionados sobre suas visões da cidade quando citada como destino turístico LGBTQIAPN+, os entrevistados registram suas percepções enquanto indivíduos desse nicho social, que viveram e vivem na cidade, assim como suas visões e atos profissionais como atuantes no mesmo âmbito.

Entrevistado(a) A diz que:

“Tenho uma visão bem dura sobre essa pauta. Uma visão até meio triste. Acho que Floripa podia ser uma potência de turismo. Não vejo que tenha mudado muito do passado para cá. É real que é um destino lgbt e a mesma opinião que eu vou te dar é a que eu dei em 2016: Tem o status de um dos principais destinos lgbt do país e por que é um destino lgbt? Pelas belezas naturais e ponto. Tem público lgbt gigante, lugares lgbt incríveis, mas falar que é um destino/cidade gay friendly, eu não vejo dessa forma, ainda não vejo... Acho que falta uma preparação muito grande e capacitação muito grande para que haja uma transformação em relação a isso. Aonde está a preparação para receber o turista lgbt?”

Entrevistado(a) B aponta que:

“É vendida como uma cidade acolhedora, mas ela é uma cidade também conservadora, foi a última capital do Brasil a ter uma parada da diversidade, mas em contrapartida o carnaval tornou a cidade o terceiro destino predileto dos homossexuais”. Cita que a cidade, mesmo possuindo a lei 10.527/2019, sancionada em 2019, nunca possuiu seu cumprimento até os dias atuais. O que faz com que um dos maiores problemas atuais seja a falta de incentivos e práticas de leis e órgãos locais.

Em comparação com a Florianópolis do passado, ambos entrevistados discorrem sobre o alto índice de violência e medo que existiam naquela época. Entrevistado(a) A lembra de ter uma comunidade com muito medo quando chegou à cidade na década de 90: “Não tinha a informação, a internet, e vivíamos com muito medo. Nossa vivência era o gueto. Ia para a balada com jaqueta por cima, disfarçava o jeito de andar e ia para o Centro. Chegava na boate, tirava o casaco, e quando saía, botava o casaco, soltava a mão porque podia apanhar na rua e pegava o ônibus com medo, olhando para o lado... A gente ia tomando espaço, desbravando. Normal era se reunir nos guetos e ficar nos guetos.” Esse mesmo gueto citado pelo Entrevistado(a) B quando diz: “Florianópolis tinha muita boate gay naquela época (90), era meio que alguns guetos, não era algo muito aberto...”.

Entrevistado(a) C reforça temas voltado a política, quando cita que:

“Me parece que a cidade continua a ser esse destino turístico, apesar de algumas medidas do governo que pouco a pouco, vamos dizer assim, vem buscando se adequar a um novo senso comum...”, explica que esse ponto reflete, por exemplo, na remoção da Parada da Diversidade da Beira-Mar Norte, sob a desculpa de que o evento atrapalha o trânsito, mas que mesmo assim, outros eventos são realizados no local, tais como maratonas, triatlons, shows, réveillon, etc. “Então, só o evento LGBT atrapalha o trânsito. Aí você joga para um outro lugar, que é relativamente central também, também é uma avenida, não é muito diferente fisicamente falando, mas é simbolicamente muito diferente”.

Reforça que acha “que a diferença da Florianópolis do passado com a de agora, eu acho que é a diferença do Poder Público de antes e do Poder Público de agora”, por acreditar que o público LGBTQIAPN+ não é mais invisível nem para o bem e nem para o mal, variando entre as visões políticas da extrema direita e a esquerda.

Entrevistado(a) D informa que:

“Quando cheguei na cidade (há 25 anos), não conhecia ninguém, nem nada aqui. Mas eu via um movimento... Tipo, Florianópolis estava no ranking de cidade LGBT, era muito procurada pelos LGBTs, o turismo LGBT aqui movimentava muito, funcionava muito. Eu lembro das festas, festivais, Praia Mole, carnaval, chegava até ter voos extras para esses

movimentos que traziam para Florianópolis. Depois nós tivemos uma caída, acredito que ali por 2014... Ali tivemos uma caída bem drástica, acredito que isso veio um pouco mais através da política, dessa política de extremas.”. Cita que no período de “queda” não tinha ninguém que representasse o público LGBTQIAPN+ no governo da cidade, e que foi nesse momento em que entrou como diretor de eventos, necessitando participar de debates e reuniões contra pautas como o fim da Parada da Diversidade e concurso PopGay, que passaria a ter o nome de CarnaPop.

“Hoje nós temos uma assessoria de políticas públicas LGBT” onde com essa “voltamos a movimentar essa bolha, ambulatório trans, plano de políticas públicas, a parada sendo negada pelo estado como ajuda, mas o município dá toda carta branca e dinheiro pra gente fazer, então a gente conseguiu de fato dialogar.”. Continua dizendo que “Temos muita coisa pra conquistar ainda? Temos! Mas acho que dentro de Florianópolis, por ser Santa Catarina, a gente tem um respaldo muito bom”, “Se você vai hoje fazer um BO na delegacia, lá no ministério público, é muito mais rápido, muito mais ágil” reforçando que isso é fruto do trabalho da atual assessora de políticas LGBTQIAPN+. Ainda discorre, neste ponto, sobre achar importante ter esse debate em todos os lugares, seja de direita ou esquerda, assim como a importancia da Parada da Diversidade, que é, para além de celebração, fonte geradora de empregos e renda tanto para pequenos comerciantes, como para a cidade.

Questão 2: Dos motivadores/eventos

Os entrevistados compartilham visões semelhantes sobre os principais motivadores para o reconhecimento da cidade como referência para o público lgbt, trazendo as belezas naturais, carnaval Pop Gay e parada da diversidade.

Na visão de “A”:

“As belezas naturais, a gama de balada... boas baladas, praias incríveis e é isso que atrai. Hoje temos fama de uma cidade onde gay é livre, o lgbt é maioria... somos um público muito grande, mas falta a estrutura. É uma cidade segura em geral, indiscutível, mas em geral. Aparece em listas como uma cidade segura, lgbt e bonita...” cita que este fator foi o que trouxe amigos e pessoas para residirem aqui. Segue citando que “faltam pesquisas. Floripa ia ganhar tanto de tivesse o preparo e investisse nesse turismo. Iam falar e voltar cada vez mais para cá. Temos um carnaval lgbt tradicional incrível, uma parada incrível e atrai as pessoas por conta disso, mas precisa investir na questão da segurança”.

“B” cita:

“As nossas praias... Praia Mole sempre foi referência porque tem um bar ali específico (Bar do Deca) e o carnaval, o pop gay foi o precursor” sinalizando que em edições anteriores já foi melhor, quando comparado aos atuais, possuindo a vinda de pessoas de todos os locais, incluindo do exterior para o evento. Discorre informando: “Digo que foi melhor porque havia mais atenção do poder público e de um tempo para cá ele (poder público) diminuiu muito a atenção...”. Concorde que o que atrai o público é o Pop Gay como essência, por ser o único lugar a possuir tal evento, uma vez que os desfiles das escolas de samba caracterizam-se de modo mais regional.

“C” traz que:

“Além dos eventos LGBT em si, eu acho que Florianópolis é um destino turístico desejado... Foram décadas de propaganda. De fato a cidade é belíssima, tem belezas naturais maravilhosas, tem (alguns falam 42, alguns falam 100) praias, tem uma natureza exuberante, em comparação com outras cidades do país, é uma cidade relativamente segura, relativamente limpa, e muito cara” e sinaliza que o turista LGBTQIAPN+ busca a cidade pelo mesmo motivo do turista que não faz parte da sigla, somente por Florianópolis ser Florianópolis e por querer explorar as belezas naturais.

“D” fala que:

“Existem eventos, festivais, que você acaba potencializando mais essas pessoas de virem. Existe a parada que é um evento que movimenta bastante que faz essas pessoas virem pra Florianópolis também.” reforçando também que para além destes eventos específicos, existem os casais que vêm para a cidade por gostar de viajar em férias ou tempo livre e que para isso, procuram apenas um lugar seguro e que serão “aceitos”, pois, “...a pessoa vem para o evento e depois elas voltam para passar um final de semana, uma semana, com esses atrativos e com essa segurança”.

Questão 3: Dos desafios e cenário atual

Sobre o cenário atual e desafios enfrentados, “B” sinaliza a “falta de incentivo de uma política forte, porque turismo se trabalha o ano inteiro. Temos alguns eventos, por exemplo, o réveillon, natal, carnaval, mas não tem uma política dos 12 meses do ano, isso é ruim”. Segue sinalizando que quando chega a temporada, os estabelecimentos exploram o turista e não o turismo, “turista explorado não volta mais. Vamos explorar o turismo e não o turista”

Questionado se hoje é possível identificar e quantificar o turista lgbt na cidade, responde que não é possível realizar o levantamento, pois compreende não haver preparo da secretaria

do turismo, sem dados específicos divulgados sobre os nichos: “Se fores hoje fazer uma pesquisa sobre o turismo lgbt, não ter nenhum dado dentro da Secretaria de Turismo. Se forem fazer uma pesquisa de quem era o turista dos últimos 5 anos, não vai ter, e era quem deveria ter. A Secretaria de Turismo, na minha avaliação, é a mais importante que deveria ter dentro de uma prefeitura como a de Florianópolis, e se fores olhar, é a última, não dão a importância que ela merece”.

“A”, sobre o tema, responde que “a primeira coisa que a pessoa procura quando vai viajar é o índice de segurança, precisa se sentir segura em determinados lugares. Temos segurança para a população lgbt? Eu não vejo. Temos uma estrutura de capacitação para o comercio onde as pessoas saibam receber esse turista e oferecer o que o turista procura?”, e reforça as informações e dados dispostos de que o público lgbt não é preso à temporada, e a maioria não é preso ao calendário escolar, podendo assim, viajar o ano inteiro. “Quando viajam procuram por segurança, bom atendimento, serviço de excelência. O povo lgbt investe seu dinheiro em si mesmo, por não ter filhos. Não vejo Florianópolis com esse preparo e com essa estrutura para receber”.

Questionada se o cenário atual é falta de algo em específico, “A” aborda: “Falta de política pública, de entendimento, segurança pública bem estruturada para que não saia com trauma lá de dentro, saúde preparada para receber a população lgbt geral. Hoje temos o ambulatório trans, mas que bom se pudesse chegar no serviço de saúde, falar o que tá sentido e qualquer médico pudesse atender. O sistema de saúde não é preparado para pessoas trans, ele rejeita. Exemplo: se a mulher trans precisa fazer um exame de próstata, e ela tem o nome retificado, o sistema trava porque é uma mulher e o sistema não tá preparado para receber uma mulher que precise desse exame. Assim como se um homem trans precisa fazer o exame de colo de útero, o sistema trava, ele é bloqueado no serviço e a pessoa não vai receber esse atendimento. A gravidez de um homem trans... É extremamente difícil acessar o pré natal, por exemplo.”.

Segue citando que “as pessoas, erradamente, a sociedade em geral, tem a visão que o serviço voltado à nossa população é algo bobo, que não precisa. Precisa, sim, porque as pessoas estão morrendo sem ter acesso, porque o sistema erra. Aí precisa ter um ambulatório trans. No passado não tinha o atendimento para lgbt, não existia. As pessoas não iam, morriam de medo de ir no ambulatório, iam apenas no pronto socorro quando estava morrendo, e isso acontece até hoje. Não é uma cidade segura para o público, é um problema nacional, assim como outras capitais. Somos destino lgbt, mas gay friendly ainda não é, falta muito pra ser”.

“C” cita que o desafio da comunidade de Florianópolis é um pouco o desafio do Brasil e que “não só a gente, mas acho que todos os grupos historicamente excluídos, eles hoje têm um mecanismo para falar, e esse mecanismo é as redes sociais”, fazendo analogia à tradicional ideia de democracia grega, onde apenas o homem tinha voz e que “guardadas as devidas proporções, acho que é isso que a gente viveu com a chegada das redes sociais. A gente ainda estava em uma democracia que só os homens falavam. Muitas raras exceções, algumas mulheres se destacavam, ainda menos pessoas negras, LGBT mesmo, nossa...”. “C” ainda vincula essa chegada com a recente representação de profissionais LGBTQIAPN+ ,como Jean Wyllys e Érika Hilton, em pautas e debates políticos acerca da causa, e conclui com “...nós estávamos nas margens e hoje a gente tá no centro. Seja no centro pra defender o que é nosso, seja no centro como alvo, mas a gente está no centro.”

Segue a questão dizendo que “...quando a cidade delimita os espaços você ainda consegue manter, tipo assim, no centro leste tudo bem, no centro histórico tudo bem, em determinadas praias tudo bem, mas também vai esse lugar do conflito. O que acontece na Galheta hoje que é um grande polo turístico LGBT na cidade, a repressão policial contra o nudismo, e contra práticas que acontecem lá que não deveriam acontecer, de fato existe um problema, de fato as pessoas fazem sexo ao ar livre.”, e continua com: “então existe uma repressão que é injusta? Existe! Mas ela tem uma fundamentação de fato, a nossa comunidade ela ocupou aquele ambiente num outro momento histórico onde nós ainda tínhamos que nos esconder em guetos... Imagina, um casal gay não conseguia entrar num motel, mesmo que tivesse dinheiro. As cidades brasileiras são permeadas desses guetos de sexo ao ar livre. Se hoje as pessoas fazem sexo na Galheta, no manguezal do Itacorubi, Parque da Luz, é porque elas nem tinham a possibilidade de levar a pessoa com quem elas querem ter uma relação para a casa. Porque eram LGBTs, ou no motel porque não podiam entrar pessoas do mesmo sexo. Então, vem daí e agora se torna um problema social.”

“D” fala que o diálogo é o atual desafio, “você entrar aonde você nunca esteve, você sentar para dialogar com as pessoas que não te ouviam e você sentar para dialogar com as pessoas que nunca imaginaram te ouvir.” Cita Eduardo Leite e Érika Hilton como representantes LGBTs que ocupam espaços necessários e que debatem as vivências da comunidade em âmbitos que antes não se imaginava ocupar. Informando que se faz necessário estarmos nos debates e representarmos as classes que precisam de fato de voz e defesa.

Questão 4: Possíveis melhorias para avanço da cidade

Os entrevistados apresentam ideias e necessidades em focos diferentes neste ponto, tendo um a abordagem na questão estrutural/política para a recepção e tratamento de pessoas lgbt e outro trazendo questões voltadas diretamente à cidade com a adequação para captação e melhoria dos atrativos a serem desbravados pelo turista.

Entrevistado(a) A apresenta necessidades como “uma delegacia especializada, que divulga isso. Um serviço divulgado, seja pela secretaria de turismo, secretaria de estado. Um roteiro lgbt para fazer com segurança, com hotéis, pousadas, bares e restaurantes. Não querem só o gueto, as casas/baladas, quer conhecer a cidade e quer se sentir protegido, sem se prender à sexualidade, uma festa sertaneja, eletrônica. Quer chegar no hotel e não ter que explicar que é um casal lgbt ou que a mulher trans tem um nome diferente na identidade mas tem que ser tratada pelo nome social”.

Continua citando que é necessário “um serviço de saúde preparado para atendimento, que saiba respeitar gênero, que entenda sexualidades e tudo mais. Essa é a capital gay friendly que a gente espera, e a gente ainda não está preparado. Temos o público, uma cidade linda, mas não temos estrutura para receber esse turista”. “...A pessoa chegar aqui e saber que se sofrer qualquer fobia, vai poder chegar em uma delegacia e saber que vai ser bem atendida”. “A gente tem que assumir a realidade que a gente tem e lutar pra mudar essa realidade. Quanto mais tiver documento, mais a realidade vem à tona e faz com que o poder público mude essas questões”.

“B” explicita planos para que a cidade não tenha tamanha sazonalidade com relação ao turismo, ideias como: “Podíamos ter uma virada cultural, um carnaval com um calendário que começasse em dezembro, um natal que começasse em novembro. Podíamos ter vários concursos de fachadas de prédios, de casas de Papai Noel, mas não temos. Poderíamos ter feiras que movimentassem o sul do Brasil, que pudesse ter algo diferente...”, “...muita gente sai daqui e vai na páscoa para Gramado. Gramado é referência. Qual é a nossa referência? Nós temos uma festa, que é a Fenastra, mas digamos assim, que é muito pequena ainda, precisamos criar uma festa, um calendário da cidade, que possa fazer com que a cidade possa trabalhar o ano todo...”. “Faltam equipamentos, a cidade precisa entender que o turismo é o carro chefe”.

Conclui com a sinalização de que “a gente precisava fazer pesquisas qualitativas para que a gente pudesse entender qual é o turista de Florianópolis. O que o turista espera de Florianópolis? Só praias? Eu acho que não! O turista espera equipamentos turísticos. Ou nós fazemos uma política maior para entender, ou nós vamos continuar sendo essa Florianópolis um pouco mais conservadora e não aprender que o turismo da cidade precisa de reinventar”.

Entrevistado(a) C cita três pontos que em sua opinião precisam de atenção e ação, sendo eles:

1) A situação da Galheta, uma vez que “a solução que a Prefeitura tá dando é ruim, é uma solução das redes sociais, uma vez por mês, uma vez a cada três meses eles vão lá, fazem uma mega operação com drone, filmam. E aí passou isso, desaparece, tudo volta ao normal, vamos dizer assim.... O sexo ao ar livre continua acontecendo, a falta das forças de segurança continuam acontecendo, os heteros assediando mulheres continua acontecendo.”. Continua citando que “A AGAL – Associação Amigos da Galheta – eles têm 24 anos de documentos, BOs, ofícios, reclamações pra polícia, reclamações pra prefeitura... 24 anos que comprovam a omissão do Estado em garantir a segurança daquele espaço. Faz 24 anos que a AGAL faz todas essas queixas e ninguém nunca fez nada. Agora estão fazendo no sentido de repressão porque eles querem tirar as gays da Galheta”. Reforça que “Havia uma lei que permitia o naturismo e essa lei foi revogada meio a ‘toque de caixas’ sem ninguém ver, então tem um movimento para que essa lei volte a ser aprovada, acho que isso é um primeiro passo que tem que vim junto com a presença das forças de segurança da Galheta, mas uma presença pra garantir um naturismo e a segurança das pessoas, e não uma presença para bater em LGBT.”

2) Como segundo ponto, discorre sobre achar necessário um movimento para que a Parada da Diversidade retorne à Beira-Mar Norte, pois haveria um impacto muito importante e muito significativo.

3) Por último informa que “...é mais uma missão pra vida, uma missão pro turismo, que é a informação. Acho que a gente precisa ter mais informação, mais visibilidade, mais representatividade nos espaços de mídia, nos espaços da política, na publicidade. De alguma forma isso vem acontecendo gradativamente, mas isso vai ajudando a dar um senso de normalidade”.

Entrevistado(a) D, por sua vez, informa que a primeira necessidade é a capacitação, “Preparar as pessoas para atender esse público. Isso é a polícia, os trabalhadores, comerciantes, restaurantes, porque é onde as pessoas vão.”. Em segundo, fala sobre a criação do “Selo LGBT” para estabelecimentos gay friendly “ter esse compromisso com a comunidade... “Nós somos gay friendly, sim. Você tem que respeitar os gays aqui na minha pousada/no meu hotel, sim.”, reforçando que a cidade deve estar preparada para receber esse turista, como sempre esteve, em sua visão.

Finaliza dizendo que “Florianópolis já se vende por si só, mas de fato, eu acho o turismo daqui péssimo. Eu acho que as pessoas não exploram muita coisa”, tendo como base a escassez de guias que apresentam a cidade aos visitantes, a falta que lugares/pessoas que transmitam

informações em aeroporto e rodoviária, ou, quando há, não há preparo certo ou um material bonito para mostrar a cidade, dizendo que: “acho muito falta essa parte do turismo aqui na cidade (não ter conexão entre empresas, pousadas, atrativos (banana boat)). Isso pode melhorar muito.”.

9 ANÁLISE DE RESULTADOS DA PESQUISA E POSSÍVEIS MELHORIAS

Esta análise foi realizada com o intuito de avaliar os dados adquiridos tanto nas pesquisas quanto nas entrevistas realizadas, fazendo a compilação e apresentação destes ao decorrer do presente estudo. Deste modo, identificamos a necessidade de foco em questões que fortalecem os locais receptores para acolhimento de todos os públicos como iguais, tais como:

1) Legislações:

É de suma importância a atuação de profissionais e órgãos governamentais na criação, ampliação e cobrança sobre o cumprimento das leis, portarias e resoluções em defesa dos direitos e segurança do público em geral, mas a atenção para essas, quando voltadas ao nicho LGBTQIAPN+, deve ser ainda maior dados os índices de violência e ocorrências apresentados. Além destes casos, chama atenção o curto período entre as primeiras leis criadas e o ano atual, sendo essas recentes quando comparadas com as demais leis nacionais, estaduais e municipais.

2) Violência:

Os gráficos expostos neste artigo, mostram o aumento no índice de denúncias sobre violência ao público LGBTQIAPN+ de modo geral, seja nacional, estadual e principalmente municipal, o que por um lado pode ser o resultado da diminuição do silêncio das vítimas, por outro ainda é retrato de um grupo da sociedade que ainda sofre muitas vezes por atos de afeto comuns, como roupa, andar de mãos dadas com parceiro(a) ou até mesmo o modo de expressão ou caminhar.

3) Capacitação de profissionais:

Para que a cidade seja de fato caracterizada como Gay Friendly, é necessário que os turistas/visitantes recebam e evidenciem a capacitação de profissionais atuantes nos locais visitados, sejam estes de hospedagem, refeições ou saúde, como citado por “A” em sua fala sobre possíveis melhorias. Os hotéis precisam explicitar sua igualdade no trato de todas as pessoas, sem questionamentos invasivos que intimidem ou gerem desconforto aos clientes,

apenas agindo de forma natural, receptiva e hospitaleira transformam a hospedagem. O mesmo vale para os restaurantes e bares, ambos sendo agregados com a recepção na língua natural do cliente, quando possível.

4) Saúde:

Este ponto possui necessidade de atenção primordial para pessoas transsexuais, uma vez que também como citado por “A”, possuem grande dificuldade no acesso à saúde quando necessitam de exames considerados básicos, mas que por restrição do sistema, torna a execução dificultosa e/ou impossível em momentos. Para além do preparo de profissionais para o atendimento de todas as pessoas, sem diferenciações.

5) Atrativos turísticos:

Hoje Florianópolis é conhecida por suas diversas praias e belezas naturais, mas essa atração se torna sazonal quando estamos em um período que não faz calor, sendo assim, “B” aponta que podemos pensar em eventos em outras épocas do ano que sejam referência para a cidade e atraiam o público. Assim como investimento em locais que o turista possa visitar, fotografar e aproveitar em dias que não sejam de sol ou que não queiram praias, pois hoje ainda possuímos poucos atrativos similares que não sejam os shoppings e ponte Hercílio Luz.

6) Parada LGBTQIAPN+:

Citada por todos os entrevistados como um dos principais eventos da cidade e que necessita de atenção, investimento, ampliação e valorização, podendo ter seu retorno à Beira-Mar Norte, como um ponto importante e que agregue em todos os pontos citados.

7) Escassez de pesquisas:

Pesquisas voltadas ao público LGBTQIAPN+ e este vinculado ao turismo são ainda muito poucas, fazendo-se necessário o fomento dessas análises e divulgações de dados, a fim de corroborar com o foco no aprofundamento das questões e necessidades, assim como expor dificuldades e aumentar a linha de projetos em prol do grupo.

Todos esses pontos vinculados fortalecem a visão de Destino Gay Friendly, somados à segurança, disponibilização de sinalizações, informativos e roteiros LGBT, com lugares, bares, restaurantes e baladas que recebam todos os públicos de forma igualitária, sem preocupação com discriminações e que atendam aos diversos gostos do público gay, assim como ao público hétero.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os pontos apresentados, desde a evolução da sigla, marcos na história, índices de violência, legislações e entrevistas realizadas, podemos concluir que, por mais que a capital possua o reconhecimento do Ministério do Turismo como Destino LGBTQIA+, ainda há necessidade de um olhar para pontos importantes levem a este desenvolvimento completo.

Os dados coletados, somados às entrevistas realizadas com pessoas que vivem a história da cidade há anos e que atuaram e atuam com o turismo, cuidado, atrativos e principalmente pelo direitos das pessoas, trouxe um resultado diferente do inicialmente pensado pelo autor, de modo a proporcionar maior atenção aos detalhes e diferenças necessárias, assim como ilustrar que ainda há um caminho pela frente para a concretização do destino Gay Friendly procurado por todos os turistas no nicho.

REFERÊNCIAS

HOFFMANN, Celina; DUARTE, Renata; TRAVERSO, Luciana Davi; BOBSIN, Débora. Turismo Gay-Friendly: Segmento de Demanda Latente. Rosa dos Ventos, Caxias do Sul, vol. 10, núm. 4, p. (1-14), dezembro, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4735/473557643010/473557643010.pdf>. Acesso em: 03/07/2022.

SILVA, Bernardo. MOVIMENTOS SOCIAIS, TURISMO LGBTQIA+ E HOSPITALIDADE: Um olhar crítico acerca dos espaços gay friendly. São Bernardo, 2021. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/5231/1/BERNARDOJOS%c3%89CO STASILVA.pdf>. Acesso em: 03/07/2022.

LANZARINI, Ricardo; RIAL, Carmen. TURISMO GAY NA ILHA DE SANTA CATARINA: HOMOSSOCIABILIDADES E PERSPECTIVAS. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, Florianópolis, agosto, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1290698937_ARQUIVO_artigoTurismo_Gay_na_Ilha_de_Santa_Catarina_-_completorevRial.pdf. Acesso em: 17/07/2022.

FILICE, Renísia Cristina Garcia; MULLER, Cristina Besen. *Transversalidade e interseccionalidade em políticas públicas LGBTQIA+ em Florianópolis*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 32, n. 3, e87784, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DF4KwmZBqcykwM5dfQQ99kz/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

SILVA, Bernardo José Costa; CARVALHO, Karoliny Diniz. *Turismo e hospitalidade gay friendly na perspectiva da comunidade LGBTQIA+*. Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo, v. 17, n. 1, p. 51–79, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/raoit/article/view/raoit.v17n1.7185>. Acesso em: 03 dez. 2024.

G1 SANTA CATARINA. *Entenda por que Florianópolis é destaque em destinos LGBTQIA+ segundo o Ministério do Turismo*. G1, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/06/14/entenda-por-que-florianopolis-e-destaque-em-destinos-lgbtqia-segundo-o-ministerio-do-turismo.ghtml>. Acesso em: 03 dez. 2024.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 4ª REGIÃO. *LGBTQIAP+: Você sabe o que essa sigla significa?*. Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934>. Acesso em: 27 mar. 2025.

ND MAIS. *IBGE: 94,4% dos catarinenses se declararam heterossexuais em pesquisa inédita sobre sexualidade*. ND Mais, 26 maio 2022. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cidadania/ibge-944-dos-catarinenses-se-declararam-heterossexuais-em-pesquisa-inedita-sobre-sexualidade/>. Acesso em: 16 out. 2024.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Conselho Municipal de Direitos LGBT. *Instrumentos normativos e documentos de referência*. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/cmdlgbt/index.php?cms=instrumentos+normativos+e+documentos+de+referencia&menu=0>. Acesso em: 16 out. 2024.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. *Plano Municipal de Políticas Públicas LGBT de Florianópolis*. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2014. Disponível em:

https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/29_04_2014_17.30.01.4274f16b46ed57c9fe500e14f875d815.pdf. Acesso em: 16 out. 2024.

FLORIANÓPOLIS. Lei nº 8.207, de 17 de março de 2010. Institui o Dia Municipal do Orgulho Gay e da Consciência Homossexual. Disponível em: <https://www.abglt.org/santa-catarina#:~:text=Florian%C3%B3polis%20%E2%80%93%20Lei%20n%C2%BA%208207%2F2010,Homofobia%2C%20Lesbofobia%20e%20Transfobia%E2%80%9D>. Acesso em: 16 out. 2024.

O GLOBO. De LGBT a LGBTQIAPN+: por que a sigla mudou e o que significa cada letra. O Globo, 28 jun. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/06/28/de-lgbt-a-lgbtqiapn-por-que-a-sigla-mudou-e-o-que-significa-cada-letra.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2024.

BOTH, Vitor. *Florianópolis está entre os destinos mais procurados no mundo para o verão 2025*. Floripa LGBT, 21 dez. 2024. Disponível em: <https://floripa.lgbt/viagem-e-turismo/florianopolis-esta-entre-os-destinos-mais-procurados-no-mundo-para-o-verao-2025/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ND MAIS. *Praia, bares e mais: Ministério do Turismo indica Florianópolis como destino LGBTQIA+*. ND Mais, 11 jun. 2023. Disponível em: <https://ndmais.com.br/turismo/praias-bares-e-mais-ministerio-do-turismo-indica-florianopolis-como-destino-lgbtqia/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

G1. *Bolsonaro venceu em 16 capitais, enquanto Lula levou 11; veja comparativo por região*. 31 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/31/bolsonaro-venceu-em-16-capitais-enquanto-lula-levou-11-veja-comparativo-por-regiao.ghtml>. Acesso em: 13 maio 2025.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. *Global Travel & Tourism is Strong Despite Economic Headwinds*. 9 abr. 2025. Disponível em: <https://wttc.org/news-article/global-travel-and-tourism-is-strong-despite-economic-headwinds>. Acesso em: 13 maio 2025.

MARQUES, Fábio. *Faturamento do turismo chega a R\$ 20,5 bilhões e registra melhor marca da história para janeiro*. Ministério do Turismo, Brasília, 10 jan. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/faturamento-do-turismo-chega-a-r-20-5-bilhoes-e-registra-melhor-marca-da-historia-para-janeiro>. Acesso em: 13 maio 2025.

FECOMERCIO SP. *Turismo nacional bate recorde histórico e fatura R\$ 207 bilhões em 2024*. São Paulo, 11 mar. 2025. Disponível em: <https://www.fecomercio.com.br/noticia/turismo-nacional-bate-recorde-historico-e-fatura-r-207-bilhoes-em-2024-1>. Acesso em: 13 maio 2025.

JUSTI, Bárbara. *Turismo em Santa Catarina arrecada R\$376 milhões em ICMS em 2024 e tem alta em empregos*. Secretaria de Estado do Turismo de Santa Catarina, 7 out. 2024. Disponível em: <https://www.setur.sc.gov.br/turismo-em-santa-catarina-arrecada-r376-milhoes-em-icms-em-2024-e-tem-alta-em-empregos/>. Acesso em: 13 maio 2025.

MARCIEL, Victor. *Santa Catarina registra crescimento de 71,7% na chegada de turistas internacionais em 2024*. Ministério do Turismo, Brasília, 15 jan. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/santa-catarina-registra-crescimento-de-71-7-na-chegada-de-turistas-internacionais-em-2024>. Acesso em: 13 maio 2025.

VILLA CONCEPT. *O impacto econômico do turismo em Florianópolis: dados e projeções para os próximos anos*. 22 nov. 2024. Disponível em: <https://villaconcept.com.br/o-impacto-economico-do-turismo-em-florianopolis/>. Acesso em: 13 maio 2025.

CALDAS, Joana. *Florianópolis é o 1º destino brasileiro e o 4º no mundo mais buscado para o verão 2025, aponta pesquisa*. *G1 SANTA CATARINA*, 20 dez. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2024/12/20/florianopolis-e-o-1o-destino-brasileiro-e-o-4o-no-mundo-mais-buscado-para-o-verao-2025-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 13 maio 2025.

MOURA, Vitória. *Conheça destinos brasileiros que promovem o turismo LGBTQIA+*. Ministério do Turismo, Brasília, 1 jun. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/conheca-destinos-brasileiros-que-promovem-o-turismo-lgbtqia>. Acesso em: 13 maio 2025.

ALTMAN, Carlos. *'Menosprezado', turismo LGBT movimentou quase R\$ 15 bi por ano no mundo*. *Estado de Minas*, 7 jul. 2023. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/turismo/2023/07/07/interna_turismo,1517372/menospreza-do-turismo-lgbt-movimenta-quase-r-15-bi-por-ano-no-mundo.shtml. Acesso em: 13 maio 2025.

ATHIAS, Gabriela. *Governo lança programa contra homofobia*. Folha de S.Paulo, 26 maio 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2605200415.htm>. Acesso em: 31 jul. 2025.

SOUZA, Ludmilla. *Acordo sela parceria para promover e qualificar destinos gay-friendly no Brasil*. Agência Brasil, 21 mai. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/acordo-sela-parceria-para-promover-destinos-gay-friendly-no-brasil>. Acesso em: 31 jul. 2025.